

Explorando a História dos Mouros da África e seu Impacto no Mundo - Em Arquitetura, Literatura, Medicina, O Jogo de Xadrez, Limpeza e muito mais...

Explorando a História dos Mouros da África e seu Impacto no Mundo - Em Arquitetura, Literatura, Medicina, O Jogo de Xadrez, Limpeza e muito mais...

Os mouros africanos eram conhecidos por suas excepcionais habilidades de arquitetura e engenharia, e construíram inúmeras estruturas impressionantes, como universidades e mesquitas na Espanha, que ainda permanecem até hoje. Eles fizeram contribuições significativas em vários campos, incluindo matemática, medicina, química, filosofia, astronomia, botânica, alvenaria e história.

Os mouros africanos foram os primeiros a introduzir o uso de números árabes na Europa, que ainda são usados hoje. Eles também fizeram avanços significativos na medicina, desenvolveram tratamentos para várias doenças e criaram livros didáticos médicos que foram amplamente utilizados. Além disso, os mouros africanos eram astrónomos habilidosos e desenvolveram técnicas avançadas para medir o tempo e determinar a posição dos corpos celestes.

Eles também fizeram contribuições importantes para a botânica, introduzindo novas plantas na Espanha e criando jardins admirados por muitos. Os mouros africanos também eram conhecidos por sua experiência em alvenaria e construíram inúmeras estruturas impressionantes, como a Alhambra de Granada, considerada um dos edifícios mais bonitos e impressionantes do mundo. Finalmente, eles também escreveram extensivamente sobre sua história, criando inúmeros textos históricos que ainda estão sendo estudados hoje.

O termo Mouro é um exônimo usado pela primeira vez pelos europeus cristãos para designar as populações muçulmanas do Magrebe, al-Andalus (Península Ibérica), Sicília e Malta durante a Idade Média. Os mouros não são pessoas únicas, distintas ou autodefinidas. A Encyclopædia Britannica de 1911 observou que o termo "não tinha valor etnológico real". Os europeus da Idade Média e do início do período moderno aplicaram o nome a árabes, berberes e europeus muçulmanos.

O termo também tem sido usado na Europa em um sentido mais amplo para se referir aos muçulmanos em geral, especialmente aqueles de ascendência árabe ou berbere, quer vivam em al-Andalus ou no norte da África. Durante a era colonial, os portugueses introduziram os nomes "Ceylon Moors" e "Indian Moors" no sul da Ásia e no Sri Lanka, e os muçulmanos bengalis também eram chamados de mouros. Nas Filipinas, a comunidade muçulmana de longa data, que é superior à chegada dos espanhóis, agora se identifica como o "povo Moro", um exônimo introduzido pelos colonizadores espanhóis devido à sua fé muçulmana.

Em 711, tropas formadas principalmente por mouros do norte da África lideraram a conquista omíada da Hispânia. A Península Ibérica então ficou conhecida em árabe clássico como al-Andalus, que em seu auge incluía a maior parte da Septimânia e a moderna Espanha e Portugal. Em 827, os mouros ocuparam Mazara na Sicília, desenvolvendo-a como um porto. Eles eventualmente consolidaram o resto da ilha. Diferenças de religião e cultura levaram a um conflito de séculos com os reinos cristãos da Europa, que tentaram recuperar o controle das áreas muçulmanas; esse conflito foi referido como a Reconquista. Em 1224, os muçulmanos foram expulsos da Sicília para o assentamento de Lucera, que foi destruído por cristãos europeus em 1300. A queda de Granada em 1492 marcou o fim do governo muçulmano na Espanha, embora uma minoria muçulmana tenha persistido até sua expulsão em 1609.

Moor, no uso inglês, descreve um marroquino ou, anteriormente, um membro da população muçulmana de al-Andalus, agora Espanha e Portugal. De origens mistas árabe, espanhola e amazigh (berbere), os mouros criaram a civilização islâmica andaluza e posteriormente se estabeleceram como refugiados no Magrebe (na região do norte da África) entre os séculos XI e XVII. Por extensão (correspondente ao moro espanhol), o termo ocasionalmente denota qualquer muçulmano em geral, como no caso dos "mouros" do Sri Lanka ou das Filipinas. Hoje, o termo Moor é usado para designar o grupo étnico árabe-amazigh predominante na Mauritânia (que representa mais de dois terços da população do país) e a pequena minoria árabe-amazigh no Mali.

A palavra deriva do termo latino Maurus, usado pela primeira vez pelos romanos para denotar um habitante da província romana da Mauritânia, compreendendo a parte ocidental da atual

Argélia e a parte nordeste do atual Marrocos.

O termo é de pouca utilidade para descrever as características étnicas de qualquer grupo, antigo ou moderno. Da Idade Média ao século XVII, no entanto, os europeus retrataram os mouros como sendo negros, "espretos" ou "tawny" na cor da pele. (Otelu, o Mouro de Veneza de Shakespeare, vem à mente em tal contexto.) Os europeus designaram muçulmanos de qualquer outra aparência como "mouros brancos", apesar do fato de que a população na maior parte do norte da África difere pouco em aparência física da do sul da Europa (no Marrocos, por exemplo, cabelos ruivos e loiros são relativamente comuns).

Arquitetura Moor

A arquitetura mourisca é a arquitetura islâmica articulada do norte da África e de partes da Espanha e Portugal, onde os mouros eram dominantes entre 711 e 1492. Os melhores exemplos sobreviventes dessa tradição arquitetônica são a Mesquita-Catedral de Córdoba e a Alhambra em Granada (principalmente 1338-1390), bem como a Giralda em Sevilha (1184). Outros exemplos notáveis incluem a cidade palaciana em ruínas de Medina Azahara (936-1010) e a Mesquita de Cristo de la Luz, agora uma igreja, em Toledo, a Aljaferia em Zaragoza e banhos como os de Ronda e Alhama de Granada.

O termo mouro continua a ser amplamente utilizado para descrever a arte, a arquitetura e a alta cultura da Andaluzia muçulmana e do norte da África que datam do século XI em diante.

Os mouros foram um grupo de norte-africanos que conquistaram e governaram a Espanha por quase 781 anos, de 711 a 1492. Eles entraram na Península Ibérica, na Espanha, depois de atravessar o Estreito de Gibraltar, passando pelo Marrocos.

Mouros é um termo geralmente usado pelos europeus para descrever o povo muçulmano do norte da África e da Península Ibérica durante a Idade Média. Entre 711 C.E. e 1492 C.E. Eles eram muçulmanos de ascendência africana que controlavam partes da Ibéria que consistiam na moderna Espanha e Portugal. Como eles estiveram lá por tanto tempo, eles tiveram um impacto duradouro na cultura espanhola, bem como no relacionamento europeu com o Islã.

Edifícios mouros influenciaram arquitetos em todo o mundo, a língua espanhola tem inúmeras palavras de origem árabe e os caracteres mouros foram incluídos na literatura europeia durante séculos.

Este termo normalmente se refere a esse grupo histórico de pessoas e sua cultura vive em países do norte da África, como o Marrocos. No entanto, os europeus tendiam a usar a palavra Moor em um sentido mais amplo para denotar simplesmente qualquer um que fosse muçulmano.

Origem dos mouros

No século VII, quando a nova religião do Islã nasceu na Península Arábica. Os seguidores estabeleceram um governo religioso e começaram a expandir o império para antigos impérios enfraquecidos, como os bizantinos. Dentro de 100 anos, este império islâmico se estendia desde o atual Marrocos no norte da África até o leste do Irã.

Os mouros deixaram uma marca significativa na Europa medieval, especialmente com sua conquista da Península Ibérica em 711 d.C. Eles governaram a Espanha por vários séculos, transformando-a cultural, social e politicamente. No entanto, o termo "Moors" não se refere a um único grupo homogêneo, mas sim aos habitantes muçulmanos medievais de várias regiões, incluindo Sicília, Malta, Magrebe e al-Andalus.

Apesar de sua influência na Europa, ainda há muito que realmente não sabemos sobre os mouros e a época em que eles eram um poderoso candidato dentro da Europa. Neste artigo, vamos nos aprofundar em 15 fatos menos conhecidos sobre os mouros que lançam luz sobre sua história, proporcionando uma compreensão mais profunda do impacto dos mouros na história europeia e seu legado duradouro.

Algumas façanhas e conquistas distintas dos mouros incluem:

1. A invasão mourisca de 711 d.C. foi um grande choque de culturas. A ameaça enfrentada pela Espanha Cristã através do Estreito de Gibraltar era muito diferente de qualquer coisa que eles haviam encontrado antes. Os mouros muçulmanos representavam uma cultura distinta e desconhecida, completamente separada do mundo cristão europeu. Como resultado desse choque de culturas, um novo e distinto conjunto de tradições e costumes rapidamente surgiu. Ainda hoje, a influência dos mouros na Espanha é palpável, com vestígios de sua cultura evidentes em aspectos cotidianos, incluindo linguagem, comida e arquitetura. Embora o confronto inicial entre o Islã e o cristianismo tenha sido hostil, acabou servindo como uma fonte de inspiração, deixando um legado duradouro que continua a moldar a cultura espanhola até hoje.

2. O personagem principal de Otelu de Shakespeare é um mouro. Otelu de Shakespeare, também conhecido como o mouro de Veneza, gira em torno de um nobre general mouro a serviço do exército veneziano. Esta peça demonstra que, mesmo durante o tempo de Shakespeare, os mouros permaneceram um objeto de fascínio na Europa devido à sua aparência exótica e cultura distinta. Além disso, a historicidade de Otelu sugere que os mouros eram altamente qualificados e liderados.

Para mais sobre mais histórias sobre os Mours da África, fique atento para o subNewsletter Edition 8 a ser publicado em nosso site www.globalafricantimes.com

Fonte: Ruth De Jager, www.ancient-origins.net, www.wikipedia.com





Ruanda Marca 30 Anos Do Genocídio

"A comunidade internacional falhou com todos nós" - O presidente de Ruanda, Paul Kagame

O mundo se juntou a Ruanda para marcar 30 anos desde o genocídio de 1994, que viu cerca de 800.000 pessoas perderem suas vidas. Dignitários de todo o mundo se reuniram em Kigali para comemorar o dia.

Alguns dignitários presentes estavam o ministro das Relações Exteriores francês Stéphane Séjourné, o ex-presidente dos EUA Bill Clinton, o primeiro-ministro da Etiópia Abiy Ahmed, o presidente da África do Sul Cyril Ramaphosa e o presidente de Israel Isaac Herzog. Em seu discurso, o presidente de Ruanda, Paul Kagame, disse que seu país foi completamente humilhado pela magnitude de sua perda.

No dia, 7 de abril de 1994 (30 anos) atrás, extremistas do grupo étnico hutu lançaram uma matança que viu membros do grupo hutu e da minoria tutsi perderem vidas. Após o genocídio, o grupo tutsi que assumiu o poder foi acusado de ter matado milhares de hutus.

O presidente Kagame, com um grupo de dignitários, colocou coroa de flores em valas comuns no Memorial do Genocídio de Kigali no domingo. O presidente também acendeu uma chama de lembrança.

Nas palavras do presidente, "Muitos dos países que representam aqui também enviaram seus filhos e filhas para servir como forças de paz em Ruanda. Esses soldados não falharam em Ruanda. Foi a comunidade internacional que falhou com todos nós. Seja por desprezo ou covardia. O fracasso de outras nações em intervir tem sido uma causa de vergonha persistente", disse o presidente Kagame.

Ele também agradeceu a outras nações africanas, como Uganda, Etiópia e Tanzânia, por aceitarem os refugiados tutsi e por ajudarem a acabar com o genocídio.

O ex-presidente dos EUA, Bill Clinton, que também estava presente, disse que o genocídio é o maior fracasso de sua administração.

Em um vídeo gravado pelo presidente francês Emmanuel Macron, ele também reconheceu que a França e seus aliados poderiam ter colocado um fim antecipado ao genocídio, mas não tinham vontade de fazê-lo. Ruanda acusou a França de ignorar sinais de alerta e de treinar militantes que realizaram os ataques sob o ex-presidente François Mitterrand, um aliado próximo da administração liderada por Hutus.

O genocídio começou na noite de 6 de abril de 1994, quando o presidente hutu, Juvenale Habyarimana, foi assassinado por um tiro de seu avião enquanto estava a bordo. Os extremistas hutus acusaram o grupo rebelde tutsi RPF e retaliaram com o lançamento de uma campanha de abate. Vários milhares de mulheres tutsis foram sequestradas e mantidas como escravas sexuais.

Após 100 dias de violência, a milícia rebelde Tutsi RPF liderada pelo Sr. Paul Kagame derrubou os extremistas hutus para acabar com o genocídio.

Vários meses após o genocídio, o Tribunal Penal Internacional para Ruanda foi criado na Tanzânia. O movimento viu vários funcionários do antigo regime condenados pelo genocídio, todos hutus. Tribunais comunitários em Ruanda conhecidos como Gacaca também foram criados para facilitar a acusação de todos os suspeitos de genocídio que aguardavam julgamento.

O período de luto de uma semana em Ruanda significa que música, esportes, filmes etc. não serão transmitidos no rádio ou na TV. Além disso, as bandeiras nacionais serão hasteadas a meio mastro.

Novas valas comuns ainda estão sendo descobertas em todo o país. Até hoje, centenas de suspeitos permanecem em em países como a República Democrática do

Congo e Uganda.

Desde o final do genocídio, o presidente Paul Kagame tem sido elogiado por sua rápida transformação de Ruanda por meio de políticas pragmáticas que impulsionaram o rápido crescimento econômico. Seus críticos, no entanto, argumentam que o presidente só tolera consentimentos, pois vários oponentes de suas políticas encontraram mortes inexplicáveis.

O genocídio de 1994 em Ruanda continua sendo uma questão altamente sensível, pois se tornou ilegal falar sobre etnia.

Sobre o Genocídio de Ruanda O genocídio de Ruanda de 1994 foi uma campanha planejada de assassinato em massa em Ruanda que ocorreu ao longo de cerca de 100 dias em abril-julho de 1994. O genocídio foi concebido por elementos extremistas da população hutu majoritária de Ruanda que planejavam matar a população tutsi minoritária e qualquer um que se opusesse a essas intenções genocidas. Estima-se que cerca de 200.000 Hutus, estimulados pela propagação de vários meios de comunicação, participaram do genocídio. Mais de 800.000 civis—principalmente tutsis, mas também hutus moderados—são mortos durante a campanha. Até 2.000.000 de ruandeses fugiram do país durante ou imediatamente após o genocídio.

Os principais grupos étnicos em Ruanda são os hutus e os tutsis, respectivamente, representando mais de quatro quintos e cerca de um sétimo da população total. Um terceiro grupo, o Twa, constitui menos de 1% da população. Todos os três grupos falam Ruanda (mais propriamente, Kinyarwanda), sugerindo que esses grupos vivem juntos há séculos.

Acredita-se que a área que agora é Ruanda tenha sido inicialmente colonizada pelos Twa, que foram seguidos de perto pelos hutus, provavelmente em algum momento entre os séculos V e XI, e depois pelos Tutsi, provavelmente a partir do século XIV. Um longo processo de migrações tutsis do norte culminou no século XVI com o surgimento de um pequeno reino nuclear na região central, governado pela minoria tutsi, que persistiu até a chegada dos europeus no século XIX.

As diferenças sociais entre os hutus e os tutsis tradicionalmente eram profundas, como mostrado pelo sistema de laços patrono-cliente (buhake, ou "contrato de gado") através do qual os Tutsi, com uma forte tradição pastoral, ganharam ascendência social, econômica e política sobre os hutus, que eram principalmente agricultores. Ainda assim, a identificação como Tutsi ou Hutu era fluida. Embora a aparência física pudesse corresponder um pouco à identificação étnica (os tutsis eram geralmente presumidos como de pele clara e altos, os hutus de pele escura e curtos), a diferença entre os dois grupos nem sempre foi imediatamente aparente, por causa do casamento misto e do uso de uma linguagem comum por ambos os grupos. Durante a era colonial, a Alemanha e mais tarde a Bélgica assumiram que a etnia poderia ser claramente distinguida por características físicas e, em seguida, usaram as diferenças étnicas encontradas em seus próprios países como modelos para criar um sistema pelo qual as categorias de Hutu e Tutsi não eram mais fluidas. O governo colonial alemão, iniciado em 1898 e continuando até 1916, seguiu uma política de governo indireto que fortaleceu a hegemonia da classe dominante tutsi e o absolutismo de sua monarquia. Essa abordagem continuou sob a Bélgica, que assumiu o controle da colônia após a Primeira Guerra Mundial e a administrou indiretamente, sob a tutela da Liga das Nações.

Alguns hutus começaram a exigir igualdade e encontraram simpatia do clero católico romano e de alguns funcionários administrativos belgas, o que levou à revolução Hutu. A revolução começou com uma revolta em 10 de novembro de 1959,

quando um boato da morte de um líder hutu nas mãos dos perpetradores tutsis levou grupos de hutus a lançar ataques aos tutsis. Meses de violência se seguiram, e muitos tutsis foram mortos ou fugiram do país. Um golpe hutu em 28 de janeiro de 1961, que foi realizado com a aprovação tácita das autoridades coloniais belgas, depôs oficialmente o rei tutsi (ele já estava fora do país, tendo fugido da violência em 1960) e aboliu a monarquia tutsi. Ruanda tornou-se uma república, e um governo nacional provisório todo Hutu surgiu. A independência foi proclamada no ano seguinte.

A transição do governo tutsi para o hutu não foi pacífica. De 1959 a 1961, cerca de 20.000 tutsis foram mortos, e muitos mais fugiram do país. No início de 1964, pelo menos 150.000 tutsis estavam em países vizinhos. Rodadas adicionais de tensão étnica e violência se inflamaram periodicamente e levaram a assassinatos em massa de tutsis em Ruanda, como em 1963, 1967 e 1973.

A tensão entre hutus e tutsis se distiu novamente em 1990, quando os rebeldes

da Frente Patriótica Ruandesa (RPF) liderada por tutsi invadiram de Uganda. Um cessar-fogo foi negociado no início de 1991, e as negociações entre o RPF e o governo do presidente de longa data Juvénal Habyarimana, um hutu, começaram em 1992. Um acordo entre o RPF e o governo, assinado em agosto de 1993 em Arusha, Tanzânia, pediu a criação de um governo de transição de base ampla que incluiria o RPF. Os extremistas hutus se opuseram fortemente a esse plano. A disseminação de sua agenda anti-Tutsi, que já havia sido amplamente propagada através de jornais e estações de rádio por alguns anos, aumentou e mais tarde serviu para alimentar a violência étnica.

Para ser continuado na próxima edição do nosso boletim semanal

Fonte: www.bbc.com, www.britannica.com

Produtividade Durante os Apagões da Tecnologia Africana

Por Esther Fefoame



Nos últimos dias, alguns países africanos experimentaram apagões generalizados na Internet, interrompendo as operações de inúmeras empresas que dependem fortemente da tecnologia. Tais interrupções representam desafios significativos para as empresas que se esforçam para manter a produtividade e a continuidade do fluxo de trabalho. Como proprietários de empresas e Gerentes de Recursos Humanos, é imperativo traçar estratégias e implementar medidas para mitigar o impacto dessas emergências. Aqui estão insights detalhados sobre como navegar pelos apagões de tecnologia e manter sua equipe produtiva:

Estabeleça Canais de Comunicação Claros:

- Incentive o uso de redes móveis, SMS ou chamadas de voz para comunicação.

- Implemente ferramentas de comunicação com recursos off-line, como o modo off-line do Slack ou o acesso off-line do Microsoft Teams.

- Forneça diretrizes sobre métodos alternativos de comunicação, como configurar árvores telefônicas ou usar walkie-talkies para equipes no local.

Priorize Tarefas e Processos Essenciais:

- Identifique tarefas críticas essenciais para a continuidade dos negócios, como suporte ao cliente ou produção.

- Aloque recursos e mão de obra para garantir que essas tarefas recebam atenção prioritária.

- Considere implementar ferramentas de gerenciamento de tarefas como Trello ou Asana para ajudar as equipes a organizar e priorizar tarefas de forma eficaz durante os apagões.

Implementar Soluções de Trabalho Offline:

- Fornecer acesso a versões off-line de ferramentas de software essenciais, como Microsoft Office ou Google Workspace.

- Incentive os funcionários a baixar os documentos e recursos necessários com antecedência para acesso offline.

- Explore soluções de gerenciamento de projetos off-line como Freedcamp ou Bitrix24 para rastrear o progresso e a colaboração sem conectividade com a Internet.

Incentive a Flexibilidade e a Adaptabilidade:

- Promover uma cultura em que os funcionários se sintam capacitados para se adaptar às circunstâncias em mudança.

- Incentive sessões de brainstorming para gerar soluções criativas para trabalhar sem acesso à internet.

- Implementar arranjos de trabalho flexíveis, como permitir que os funcionários trabalhem em locais alternativos ou ajustar os horários de trabalho para acomodar os desafios de conectividade.

- Ofereça suporte técnico e recursos de solução de problemas para ajudar os funcionários a superar os desafios relacionados aos apagões de tecnologia.

- Crie uma base de conhecimento ou documento de perguntas frequentes abordando problemas e soluções comuns para trabalhar offline.

Desenvolva Planos de Contingência:

- Estabeleça planos de contingência abrangentes delineando procedimentos para gerenciar o fluxo de trabalho durante apagões de tecnologia.

- Defina funções e responsabilidades claras para os funcionários, incluindo pessoal de reserva para funções críticas.

- Teste planos de contingência regularmente por meio de simulações ou exercícios para garantir prontidão e eficácia em cenários da vida real.

Mantenha a moral do funcionário:

- Reconheça os desafios colocados pelos apagões de tecnologia e expresse apreço pelos esforços dos funcionários para superá-los.

- Organize atividades de formação de equipe ou reuniões virtuais para aumentar a moral e promover um senso de camaradagem.

- Fornecer recursos de apoio adicionais, como serviços de aconselhamento ou programas de bem-estar, para ajudar os funcionários a gerenciar o estresse e a ansiedade durante as interrupções.

Para aqueles que podem não estar familiarizados com ferramentas de gerenciamento de projetos e tarefas, esta é uma breve introdução. As soluções de gerenciamento de projetos são plataformas de software que auxiliam as equipes no planejamento, execução e supervisão de projetos de forma abrangente, oferecendo recursos como agendamento de tarefas, alocação de recursos e ferramentas de comunicação. Dentro deste âmbito, as ferramentas de gerenciamento de tarefas são especializadas na organização e rastreamento de tarefas individuais dentro de projetos.

Alguns exemplos populares incluem Trello e Asana, que apresentam interfaces fáceis de usar e funcionalidades abrangentes para criação de tarefas, atribuição e rastreamento de progresso. Da mesma forma, o Freedcamp e o Bitrix24 oferecem interfaces intuitivas e recursos robustos, permitindo que as equipes gerenciem eficientemente tarefas dentro de projetos ou fluxos de trabalho, melhorando assim a colaboração e a produtividade.

Além disso, para os gerentes de RH que reconhecem que suas equipes podem não estar familiarizadas com essas ferramentas de gerenciamento, é crucial iniciar as iniciativas de treinamento imediatamente. Ao educar proativamente as equipes sobre essas ferramentas, os gerentes de RH podem equipar sua equipe com as habilidades necessárias para navegar por emergências, como apagões na Internet, de forma eficaz.

Em conclusão, navegar por apagões de tecnologia requer planejamento cuidadoso, medidas proativas e uma mentalidade resiliente. Ao estabelecer

canais de comunicação claros, priorizar tarefas essenciais, implementar soluções de trabalho off-line, promover a flexibilidade, fornecer treinamento e suporte, desenvolver planos de contingência e manter a moral dos funcionários, as empresas podem gerenciar efetivamente a continuidade e a produtividade do fluxo de trabalho durante emergências em países africanos. Obrigado por embarcar nesta jornada conosco para explorar a colaboração dentro das organizações. Confiamos que esta edição inflama uma contemplação valiosa e inspira medidas proativas para promover alianças mais fortes em seu local de trabalho.

Conecte-se conosco: Para mais informações ou perguntas sobre estratégias de gestão do trabalho, convidamos você a entrar em contato através do nosso formulário de contato designado no site da nossa empresa ou se conectar conosco através do nosso canal oficial de comunicação, efandassociatesgh@gmail.com. Facebook: Esther Fefoame ou EF & Associates LinkedIn: Esther Fefoame ou EF & Associates Atenciosamente, Autor: Esther Fefoame, MBAProfissional Experiente de RH Sênior / Gerenciamento de ADR Sócio Gerente, EF & Associates Ghana Limited.

OPORTUNIDADES DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO EM ÁFRICA: UMA SÉRIE SISTEMÁTICA SOBRE O SECTOR GANÊS - PARTE 1.

Por Daniel Kontie



O investimento imobiliário em Gana tornou-se uma opção cada vez mais atraente para os investidores que procuram diversificar as suas carteiras e tirar partido da promissora indústria imobiliária do país. Com um ambiente político estável, uma população jovem e em rápida urbanização e receitas crescentes, o setor imobiliário de Gana oferece oportunidades atraentes em todas as categorias de imóveis, sejam residenciais, comerciais ou industriais. Esta é uma série que visa fornecer uma exposição sistemática sobre as oportunidades de investimento imobiliário em África.

Neste artigo e nos seguintes, examinaremos cinco (5) fatores fundamentais (índices) que posicionam estrategicamente o Gana como o destino mais preferido para o investimento imobiliário na África. Trata-se do ambiente político do Gana, da taxa de urbanização, do crescimento da classe média, do Gana como centro africano do ensino superior e, acima de tudo, do défice habitacional no Gana. O objetivo é ajudar os potenciais investidores a tomar decisões informadas se quiserem se aventurar no mercado imobiliário africano, neste caso o mercado ganês. Sente-se, tome um copo de bebida gelada e siga-nos na nossa análise das perspectivas de investimento imobiliário em Gana.

Em primeiro lugar, o ambiente político do Gana. Desde a adoção da Constituição de 1992, o Gana tem desfrutado de estabilidade política e se tornou um centro de atração global e estudo de caso para muitas nações africanas e além. Portanto, não é coincidência que o Índice Global da Paz (2022) tenha classificado Gana como o segundo país mais pacífico da África Subsaariana entre outros 46, os seis principais países mais pacíficos da África e o 40o país mais pacífico do mundo entre 163. Isso garante segurança em todos os níveis e dá à comunidade de investidores a garantia de que cada dólar investido na costa do Gana está protegido, independentemente do partido político no poder. A supremacia da constituição e do Estado de direito garantiu o equilíbrio de poderes entre os diferentes ramos do governo. Os departamentos policiais, militares, segurança nacional e todas as outras instituições públicas responsáveis pela manutenção do equilíbrio democrático e da estabilidade política sempre trabalharam em sincronia, o que permitiu que Gana ficasse à frente de seus pares na África e emergisse como o estado africano mais popular para investimentos diretos locais e estrangeiros, entre os quais o investimento imobiliário não é exceção.

Juntamente com a estabilidade do ambiente político, o défice habitacional em Gana representa uma oportunidade considerável de investimento imobiliário. De acordo com o Serviço Estatístico de Gana (2022), o défice habitacional no Gana foi de uma taxa impressionante de 1,8 milhões. Assim, o governo do Gana teve de enfrentar o desafio de oferecer habitações mais acessíveis aos habitantes da cidade. Ao longo dos anos, o Estado empreendeu alguns projetos de habitação e intervenções políticas para tentar colmatar a lacuna, mas em vão, porque o déficit continua a aumentar com o tempo. Os esforços dos indivíduos contribuíram muito pouco para preencher a lacuna, deixando para os poucos promotores institucionais privados um enorme déficit de oferta de habitação a ser preenchido. A GREDA (Ghana Real Estate Developers Association) parece ser o único vislumbre de esperança se a oferta de habitação um dia conseguir satisfazer a procura. Mas para que os potenciais investidores entendam onde está o jackpot do investimento no cenário da oferta imobiliária em Gana, gostaríamos de apresentar uma análise breve, mas empírica. Existem actualmente cerca de cento e quarenta (140) promotores imobiliários privados em situação regular em Gana, de acordo com o jornal imobiliário GREDA (2023). Estes 140 promotores têm várias especialidades no sector, ou seja, nem todos se dedicam à promoção imobiliária residencial.

No entanto, para efeitos desta análise, vamos assumir que todos desenvolvem propriedades residenciais. Isso significa essencialmente que cada promotor terá que desenvolver cerca de treze mil (13,000) unidades de habitação, mesmo que não seja viável, ao longo do ano para poder suprir as necessidades de habitação. A diferença é de 1,8 milhões de euros. Isso mostra como a oportunidade de investimento imobiliário é enorme, no Gana, que não pode ser comparada a nenhum outro destino na África.

Além disso, outro índice que vale a pena mencionar é a crescente taxa de urbanização do Gana. De acordo com o Urban Land Institute, Londres (2018), a urbanização está levando a uma forte demanda por moradias nos centros urbanos, o que exerce pressão sobre as propriedades residenciais e, portanto, leva a altas taxas de aluguel nos centros urbanos do mundo. Foi neste contexto que decidimos explorar a taxa de urbanização em Gana e o seu impacto nas oportunidades de investimento imobiliário. A crescente taxa de urbanização do Gana é outro índice que abre perspectivas de investimento imobiliário, especialmente nos centros urbanos do país. Uma observação recente feita por nossa organização, Africa Continental Engineering & Construction

A rede (ACECN) em alguns países africanos selecionados indica que Gana tem a maior taxa de urbanização (ACECN, 2024). Isto posiciona novamente o Gana como o destino preferido para investimentos imobiliários em África. A figura abaixo é a representação gráfica das taxas de urbanização, com Gana no topo da lista com 58,62% em 2022.

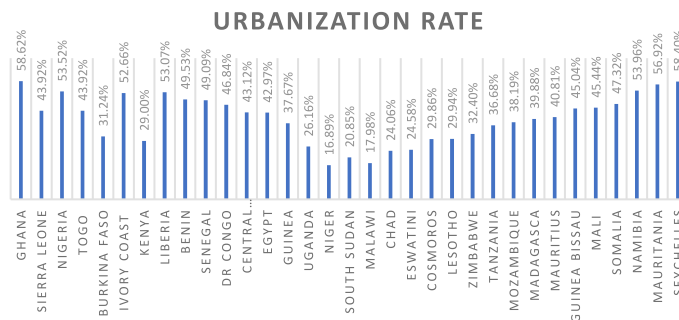


Figura 1 (Fonte de dados: Statista, 2022)

Autor: Daniel Kontie (Email: d.kontie@acecnltd.com, Contato: +233209032280)

Consultor Imobiliário e de Construção, Gana || CEO, Africa Continental Engineering & Construction Network Ltd (ACECN LTD) || Presidente Nacional, World Sustainable Built Environment and Generative Artificial Intelligence Forum (WSBE-GenAIF) || Presidente Nacional, Ghana Institution of Sustainable and Generative Artificial Intelligence (GhISBE-GenAI)

Para veiculações de anúncios, artigos contribuídos e outras dúvidas, entre em contato conosco via Whatsapp em +233 200155123 ou e-mail: info@globalafricantimes.com